

MIGRANTES, REFUGIADOS E OUTRIZAÇÃO: CONSTRUINDO A EUROPEIDADE. UMA EXPLORAÇÃO DOS MÉDIA PORTUGUESES E ALEMÃES

Rita Himmel

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Portugal

Maria Manuel Baptista

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Portugal

RESUMO

O processo de instituição da União Europeia supranacional foi acompanhado por uma construção de uma ideia de europeidade (Geary, 2013; Pieterse, 1991/1993), de pertencer a um *nós*, criando uma ideia de quem somos, enquanto europeus, e, necessariamente, da outrização dos que não pertencem (Butler & Spivak, 2007; El-Tayeb, 2011). A chamada “crise dos refugiados/migratória” é um contexto particularmente interessante para explorar discursos não apenas sobre esta divisão entre *nós* e *eles*, em relação aos que são apresentados como não-europeus, mas também sobre a construção do que somos *nós*, europeus. Os média desempenham um papel crucial na reprodução de representações sobre os outros, com quem o público não tem contacto direto. Neste artigo, exploramos discursos, nos média portugueses e alemães, de 2011 a 2017, sobre a chamada “crise dos refugiados/migratória”. Através de uma análise qualitativa de conteúdo, procuramos compreender como é construída a ideia de europeidade em relação a este fenómeno. Esta análise exploratória permitiu identificar que não existe apenas uma construção da ideia da Europa, na qual os migrantes ou refugiados são o outro, mas também uma ideia da Europa intrinsecamente incompatível com a rejeição desse outro, incompatível com ideias e movimentos de extrema direita ou xenófobos. Ser europeu, portanto, é ser não-muçulmano, ser não-refugiado, e ser não-xenófobo.

PALAVRAS-CHAVE

crise dos refugiados; Europa; discursos mediáticos; alteridade

MIGRANTS, REFUGEES AND OTHERING: CONSTRUCTING EUROPEANNESS. AN EXPLORATION OF PORTUGUESE AND GERMAN MEDIA

ABSTRACT

The process of establishing the supranational European Union has been accompanied by a construction of the idea of Europeaness (Geary, 2013; Pieterse, 1991/1993), of belonging to a common *us*, creating an idea of what *we* are, as Europeans, and necessarily othering those who do not belong (Butler & Spivak, 2007; El-Tayeb, 2011). The so-called “refugee/migration crisis” is a particularly interesting context in which to explore discourses not only about this *us/them* divide regarding what are presented as non-Europeans, but also who *we* Europeans are constructed as being. The media play an important role in the reproduction of representations about others,

with whom the audience does not have direct contact. In this article, we explore discourses, in the Portuguese and German media, from 2011 to 2017, about the so-called “refugee/migration crisis”. Through a qualitative content analysis, we have sought to understand how the idea of Europeanness is constructed, in relation to this phenomenon. This exploratory analysis allowed us to identify that there is not only a construction of the idea of Europe in which migrants or refugees are the other, but also of an idea of Europe that is intrinsically incompatible with the rejection of this other, incompatible with far-right or xenophobic ideas and movements. Being European, thus, is being not a Muslim, not a refugee, and not xenophobic.

KEYWORDS

refugee crisis; Europe; media discourses; othering

NÓS E ELES NOS MÉDIA

Os Estudos Culturais têm se desenvolvido em torno de uma abordagem crítica do conceito de cultura, desconstruindo a sua configuração antropológica e a sua configuração enquanto produção cultural. Entendendo a cultura como transversal a todos os níveis da vida social, sendo muito mais complexa e contraditória do que teorizado inicialmente, o campo disciplinar tem contribuído enormemente para a contestação de teorias e conceitos essencialistas, tais como os de identidade, nas suas várias formas, nomeadamente a identidade nacional, enquanto “comunidade imaginada” (Anderson, 1983/2016). Interessamo-nos, particularmente, na interação discursiva entre esta identidade cultural particularmente forte e institucionalmente suportada e a comunidade imaginada supranacional europeia, que tem sido promovida, apropriada e construída juntamente com o processo de integração política e económica, uma vez que “cada vez mais, os cidadãos da União Europeia estão a ser evocados como uma comunidade imaginada diferente: como europeus, uma identidade talvez tão problemática como as identidades nacionais particularistas que pretende substituir” (Geary, 2013, p. 39). Os Estados-Nação europeus foram construídos com base em discursos contraditórios acerca das suas origens. Com o nascimento da Comunidade Europeia, a ideia da Europa como um todo coeso tornou-se uma parte importante da integração europeia, levantando a questão de “quais são os novos mitos nacionais nos quais se poderá basear uma identidade nacional europeia?” e, talvez, uma questão ainda mais importante: “quais poderão ser os perigos desta nova identidade?” (Geary, 2013, p. 45).

Os riscos, poder-se-á argumentar, podem ser os mesmos que os levantados pela ideia do Estado-Nação, nomeadamente, quem tem o direito de “cantá-lo” (Butler & Spivak, 2007), a quem é permitido, ou não, ser parte de *nós* (Butler & Spivak, 2007; El-Tayeb, 2011), quem é outizado, que performances são aceites, uma vez que, como explica Judith Butler, o Estado (conceito que expandimos para também se referir ao estado europeu supranacional) “pode significar a fonte de não-pertença, mesmo produzir essa não-pertença como um estado quase permanente” (Butler & Spivak, 2007, p. 4).

Os *não-europeus* que chegam às fronteiras da Europa levantam a questão da construção da europeidade de uma forma particularmente forte. A produção e reafirmação

de um discurso particular sobre *nós*, podem, como discutido, ser expandidas da comunidade imaginada do Estado-Nação para o domínio europeu supranacional, criando uma fonte europeia de não-pertença, como defende Fatima El-Tayeb:

a contínua incapacidade, ou, melhor dizendo, falta de vontade de confrontar, muito menos superar a evidente branquitude subjacente à auto-imagem da Europa tem consequências bastante drásticas para os migrantes e comunidades minoritárias rotineiramente ignorados, marginalizados e definidos como uma ameaça à mesma Europa da qual fazem parte, a sua presença geralmente apenas reconhecida como um sinal de crise e novamente esquecida na construção em curso de uma nova identidade europeia. (El-Tayeb, 2011, p. xxv)

O contexto da chamada “crise dos refugiados” tem um forte potencial para nos permitir compreender que discursos surgem nos média relativamente a identidades coletivas enquanto ligadas à pertença política, quais são tornadas subalternas e quais são apresentadas como de senso comum (isto é, hegemónicas). Referimo-nos a este contexto como uma “chamada crise” uma vez que a utilização do conceito de “crise” representa, já por si, um determinado enquadramento da questão, é “uma escolha que está impregnada de políticas raciais, de género e colonialistas” (Nawyn, 2018, p. 1).

Enquanto a linguagem de crise também pode motivar uma ação expedita e recursos adicionais para os refugiados, no clima atual, os refugiados são os perdedores na linguagem de crise, uma vez que esta motivou fronteiras endurecidas em vez de assistência e proteção compassivas. (Nawyn, 2018, p. 14)

E a mesma ideia é reforçada por Fatima El-Tayeb:

as escassas referências a movimentos migratórios que são apresentadas mostram-nos como um fenómeno muito recente, em grande parte reduzido a histórias de refugiados desesperados – apresentando a migração, em primeiro lugar, como uma anomalia causada por algum tipo de crise na região de origem, e, em segundo lugar, como algo que acontece à Europa sem que o continente tenha um papel ativo no processo. (El-Tayeb, 2011, p. 166)

Os média desempenham um papel extremamente importante neste processo de construção das barreiras entre *nós* e *eles*, principalmente, na reprodução de representações sobre outros, com quem o público não tem contacto direto. As narrativas são constantemente recontadas em cada estória noticiosa, ressoando com estórias anteriores, criando a sensação de um “drama infinitamente repetido” (Rock, 1981, citado em Bird & Dardenne, 1999, p. 268), enquanto os jornalistas operam sob a ilusão de estarem simplesmente a usar os métodos mais tecnicamente eficientes para retratar a realidade de acordo com critérios objetivos dos valores-notícia de imediatismo, do invulgar, da simplicidade. Mas a forma como estas estórias são contadas, a partir de códigos narrativos

tais como os de vilões e heróis (Bird & Dardenne, 1999, pp. 269, 275), não é meramente uma técnica neutra para tornar as notícias mais envolventes, mas reflete “mapas de sentido” (Hall, 1993) culturalmente pré-estabelecidos. Os média têm um assinalável poder na definição e redefinição destas narrativas, uma vez que “o contar de uma ‘estória’ exclui, por conseguinte, todas as outras ‘estórias’ que nunca são contadas” (Bird & Dardenne, 1999, p. 277). Este poder é especialmente forte nos órgãos de comunicação social *mainstream* (Chomsky, 1997), uma vez que as estórias noticiosas fazem parte de um conjunto de práticas socialmente vistas como de confiança, e com o meio a atuar como uma figura de autoridade relativamente ao público (Bird & Dardenne, 1999, p. 275). Assim, a análise da forma como os média retratam aqueles que são apresentados como *outsiders* permite-nos explorar o discurso prevalente sobre a ideia de europeidade, enquanto uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1983/2016) tornada coesa através de uma determinada ideia de identidade europeia.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A análise feita neste artigo integra um projeto de investigação mais vasto sobre ideologias acerca das identidades nacionais e europeia nos média online portugueses e alemães, de 2011 a 2017. A adequação da escolha da Alemanha e de Portugal como pontos específicos de intersecção entre *duas Europas*, a do Norte e a do Sul, como forma de explorar como esta ideia de identidades nacionais é construída, é extensível à exploração da construção de uma ideia de Europa, especialmente, tendo em conta o papel desempenhado pela Alemanha no contexto da chamada crise dos refugiados, face a estes “*outros não-europeus*”. Seguindo uma estratégia de seleção estratégica e saturação (Frow & Morris, 2006), dois órgãos de comunicação social, por país, foram selecionados, de acordo com as suas “personalidades sociais” (Hall, Critcher, Jefferson, Clarke & Roberts, 1978, p. 60), nomeadamente foram selecionados os jornais de referência e tabloide (Chomsky, 1997; Gossel, 2017) mais lidos no momento da recolha de dados (Markttest, 2018; Schröder, 2018): *Diário de Notícias* (DN) e *Correio da Manhã* (CM), em Portugal, e *Spiegel* e *Bild*, na Alemanha, usando uma metodologia de análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 2007)¹. Para esta análise qualitativa, recorreremos a uma seleção

¹ O *corpus* de análise foi retirado dos seguintes links:

<http://www.spiegel.de/politik/ausland/bundestagswahl-2017-deutschland-ist-doch-nicht-so-aussergewoehnlich-a-1169649.html>;

<https://www.bild.de/politik/inland/tag-der-deutschen-einheit/die-aktuellen-feierlichkeiten-zum-tag-der-deutschen-einheit-42876322.bild.html>;

<https://www.bild.de/politik/ausland/die-linke/wir-machen-die-eu-sozialer-35913290.bild.html>;

http://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/migracoes_berlim_exige_que_refugiados_respeitem_cultura_e_leis;

<http://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/alemanhaeicoes-nazis-fora-centenas-de-alemaes-na-rua-contr-extrema-direita>;

<https://www.bild.de/politik/inland/fluechtling/wie-viele-fluechtlinge-koennen-wir-noch-aufnehmen-42590334.bild.html>;

<https://www.cmjornal.pt/opiniao/colunistas/miguel-alexandre-ganhao/detalhe/berlim-e-barcelona>;

<https://www.dn.pt/lusa/maioria-de-muculmanos-na-europa-sente-se-ligada-ao-pais-em-que-vive---estudo-8788069.html>;

<http://www.cmjornal.pt/politica/detalhe/passos-espera-que-merkel-consiga-conciliar-anseios-nacionais-com-expectativas-europeias>;

http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/eleicoes_pnr_alertou_contra_invasao_islamica_com_burcas_em_lisboa;

<https://www.dn.pt/lusa/interior/refugiada-iraquiana-encontra-e-entrega-a-policia-alema-mala-com-14-mil-euros-8783400.html>;

estratégica de períodos temporais, em torno das eleições legislativas em cada um dos países, assim como em torno das eleições para o Parlamento Europeu. As eleições são encaradas como contextos especialmente ricos do ponto de vista discursivo, entre os quais o estudo de questões de identidade e crise, com a disputa e o discurso políticos intensificados e com a cobertura mediática sobre questões políticas mais prolífica. Para cada um destes períodos temporais, e para cada um dos órgãos de comunicação social, a recolha de dados iniciou com uma pesquisa online, através do motor de busca Google, a partir de palavras-chave selecionadas estrategicamente, filtrada por data, que foi posteriormente completada através de uma segunda pesquisa nos motores de busca internos de cada um dos órgãos, assim como nas secções de “notícias relacionadas”, dentro dos mesmos períodos eleitorais². Os dados foram, subseqüentemente, filtrados, de forma a atingir a saturação teórica dos dados. A partir da seleção final de dados, para efeitos do presente artigo, foram selecionados os artigos jornalísticos referentes à “crise dos refugiados/migratória”.

Para analisar os artigos recolhidos, desenvolvemos um modelo, baseado na análise de conteúdo de Bardin (2007) e numa combinação do modelo de Stuart Hall de “codificação descodificação” (1993) e do seu trabalho em *Policing the crisis* (Hall et al., 1978). O nosso modelo consiste em dois conjuntos de tabelas para cada órgão de comunicação social: as tabelas dos definidores (em que cada discurso é atribuído às fontes ou definidores citados nos artigos) e as tabelas do jornal (em que o discurso é atribuído diretamente ao jornal). Para cada definidor identificado em cada artigo, assim como para cada órgão, foi criada uma tabela, de forma a identificar o que é dito sobre *nós/eles*, em cada contexto e período temporal. Após esta primeira análise, foi-nos possível agrupar os discursos e identificar relações entre os mesmos, criando, assim, as categorias e as correspondentes subcategorias e enquadramentos.

QUEM É O OUTRO?

Esta análise permitiu-nos identificar diferentes categorias principais de discursos sobre o outro, em relação à chamada “crise dos refugiados/migratória”. Identificámos três categorias principais de outros: o muçulmano, o refugiado e o outro político/institucional. Estes outros foram enquadrados de diferentes formas. Relativamente ao “o outro muçulmano”, o único enquadramento é “*nós não somos muçulmanos*”; sobre o “o outro refugiado”, os principais enquadramentos são que este “é bem-vindo”, “não é bem-vindo” e “não é problema *nosso*”, com algumas variações dentro destes enquadramentos principais; relativamente ao “o outro institucional/político”, os

<http://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/refugiado-viola-e-mata-filha-de-consultor-da-ue;>

<http://www.spiegel.de/politik/ausland/fluechtlinge-aus-syrien-ueber-das-meer-kommen-nur-die-gluecklichsten-a-1051223.html;>

<https://www.bild.de/politik/ausland/fluechtlingskrise/solche-bilder-will-europa-nicht-mehr-sehen-42671288.bild.html;>

<https://www.dn.pt/mundo/supermercado-alemao-retira-produtos-estrangeiros-em-licao-contra-xenofobia-8724962.html;>

<https://www.dn.pt/mundo/berlim-explicada-aos-turistas-por-um-sirio-8794377.html;> <https://www.dn.pt/mundo/interior/colicao-jamaica-pelos-vistos-nao-ha-nada-melhor-8797931.html>

² No caso da *Spiegel*, que inclui artigos em inglês, apenas os artigos em alemão foram tidos em conta.

enquadramentos principais são: “Europa dos Estados-Nação”, “U.E. enquanto outro” e o “outro extrema-direita”.

Iremos, seguidamente, expor a forma como estes outros são enquadrados nos diferentes órgãos de comunicação social, tendo em conta as fontes, ou definidores, que são citadas, quando aplicável, e ilustrado os enquadramentos com exemplos dos discursos correspondentes. Os dados incluídos nas tabelas não correspondem a uma reprodução extensiva dos dados analisados, mas servem meramente propósitos ilustrativos.

O OUTRO MUÇULMANO

NÓS NÃO SOMOS MUÇULMANOS

Esta categoria recorre a uma representação simbólica da identidade, nomeando o outro, explícita ou implicitamente, com base no eixo da religião, entendida no sentido mais lato como referência cultural simbólica.

A ALEMANHA NÃO É MUÇULMANA

Este discurso enquadra a Alemanha como não sendo muçulmana, ou o Islão como não sendo alemão, apesar de haver pessoas muçulmanas residentes no país. Isto não significa que o discurso rejeite explicitamente a possibilidade da presença, ou “integração”, de pessoas muçulmanas, mas, ainda assim, a ideia subjacente, é que estas não são parte da ideia de *nós*. Surge no *Diário de Notícias (DN)*, *Bild* e *Spiegel*, por vezes, citando, direta ou indiretamente, definidores da CDU e AfD (ver Apêndice 1: lista de partidos políticos).

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	CDU	Questionada sobre a compatibilidade entre o Islão e a cultura germânica, a chanceler sublinhou que são realidades compatíveis desde que a Constituição alemã seja respeitada. (Gouveia, 2017)	Artigo noticioso
	AfD	Esta é uma questão que vai para além da moralidade. Claro que quem aceitar os nossos valores, a nossa Constituição, é bem-vindo, mas não queremos dentro de algumas gerações ter aqui implantada a Sharia. (Hansel, 2017)	Artigo noticioso
		Ele [Gauland, AfD] não defende a superioridade da raça ariana sobre as outras mas diz que a Alemanha não deve receber refugiados sírios porque, cito, “o islão não faz parte da cultura alemã”. (Tadeu, 2017)	Opinião
Bild	AfD	Encerramento de fronteiras! Parar a imigração, deportar refugiados rigorosamente (“imigração negativa”), reduzir a fuga de cérebros. Não ao asilo sem papéis. Não ao passaporte alemão para crianças migrantes. (Vehlewald, 2017)	Artigo noticioso
Spiegel	Spiegel	Os muçulmanos que vivem na Alemanha têm menor probabilidade de se sentir em desvantagem por causa da sua cor de pele ou origem do que a maioria dos outros países da UE – a Alemanha está no meio quanto à discriminação por causa da religião. (Reimann & van Hove, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 1: “A Alemanha não é muçulmana”

A EUROPA NÃO É MUÇULMANA

O mesmo tipo de enquadramento também pode ser identificado relativamente à representação simbólica da Europa como não sendo muçulmana. Neste caso, estes enquadramentos podem ser encontrados no *CM*, *DN* e *Spiegel*, e os definidores citados são representantes do Partido Nacional Renovador (PNR) português, uma organização não governamental (ONG), e artigos de opinião de um académico e uma jornalista.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	DN	Estes resultados “descredibilizam completamente a afirmação de que os muçulmanos não estão integrados nas nossas sociedades”. (DN, 2017)	Artigo noticioso
	Jornalista portuguesa	Até porque Aylan era provavelmente muçulmano – e temos medo do Islão, e motivos para isso. Até porque os “mandantes europeus” que incentivamos sabem tanto como nós o que fazer. (Câncio, 2015)	Opinião
	Académico português	A diferenciação religiosa, que é a mais perigosa inspiração do terrorismo para sempre lembrado pelas Torres Gémeas de Nova Iorque, está presente. (Moreira, 2015)	Opinião
CM	PNR	Conquista islâmica à Europa. (CM, 2015)	Artigo noticioso
Spiegel	Spiegel	Estudo UE: mais muçulmanos queixam-se de discriminação por causa da sua religião. (...) De forma particularmente frequente, mulheres muçulmanas que usam lenço ou véu relatam desde hostilidade a ataques físicos. (Reimann & van Hove, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 2: “A Europa não é muçulmana”

PORTUGAL NÃO É MUÇULMANO

Quase ausente do discurso relativamente a Portugal, a questão do Islão apenas é levantada por um representante do PNR, no *Correio da Manhã*.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
CM	PNR	O Partido Nacional Renovador (PNR) alertou esta quarta-feira, durante uma arruada ao final da tarde, em Lisboa, para a ‘invasão islâmica’ que ameaça o país e a Europa. (CM, 2015)	Artigo noticioso

Tabela 3: “Portugal não é muçulmano”

O OUTRO REFUGIADO

Relativamente ao “refugiado” enquanto outro, identificámos dois enquadramentos principais: “é bem-vindo” e “não é bem-vindo”. Em cada um desses enquadramentos, diferentes discursos apresentam diferentes justificações para serem, ou não, bem-vindos. Também variam, até certo ponto, dependendo de quem dá, ou não, essas boas-vindas, nomeadamente, o governo ou a sociedade civil. É um enquadramento com relevância quase exclusiva face ao contexto alemão, como poderá ser observado nos exemplos ilustrativos apresentados.

É BEM-VINDO: GOVERNO ALEMÃO

Este discurso surge em todos os meios de comunicação social analisados. Apresenta o governo alemão, ou, especificamente, Angela Merkel, como sendo acolhedores dos refugiados que chegam ao país. Esta política é apresentada maioritariamente de forma positiva, mas não exclusivamente, uma vez que, por vezes, há um posicionamento crítico. Os definidores que adotam este enquadramento, para além dos próprios órgãos de comunicação social, são um diplomata português e um representante da CDU alemã, e jornalistas em artigos de opinião, num tom positivo, e, em tom crítico, um representante da AfD, assim como os média alemães.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
CM	Diplomata português	Berlim tem concedido um apoio exemplar a estes refugiados. (Falcão-Machado, 2017)	Opinião
Bild	Bild	Enquanto Estados como a Alemanha, Áustria ou mesmo a Suécia respondem ao desafio, demonstram uma grande receptividade e cultura de boas-vindas. (Bild, 2015)	Artigo noticioso
Spiegel	CDU/jornalista alemão	Agora ela é a chanceler dos refugiados, que fica indignada quando é acusada de aceitar demasiados refugiados no país: “tenho que dizer, honestamente: se temos de começar a pedir desculpas agora que mostramos um rosto amigo em situações de emergência, então este não é o meu país”. (Nelles, 2015)	Opinião

Tabela 4: “O outro refugiado é bem-vindo – Governo alemão – tom positivo”

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	AfD	Depois a crise dos refugiados, que não é nenhuma catástrofe natural, é uma crise gerada pela mão de Merkel. (Hansel, 2017)	Entrevista
Bild	Bild	A nossa lei de asilo alemã é realmente um incentivo para os refugiados virem ter connosco? Os requerentes de asilo na Alemanha recebem alojamento, refeições e até 359 euros/mês. (Bild, 2015)	Artigo noticioso
Spiegel	Spiegel	Merkel tem de aceitar a acusação de ter tido favorecido o crescimento dos populistas de direita com as suas políticas para refugiados. (Becker & Wiemann, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 5: “O outro refugiado é bem-vindo – Governo alemão – tom crítico”

É BEM-VINDO: COMO RECURSO ECONÓMICO

Este tipo de discurso enquadra o acolhimento de refugiados como sendo potencialmente útil do ponto de vista económico, isto, é, instrumentalizando-os como sendo bem-vindos, porque poderão ser um recurso económico, como mão de obra. Surge nos órgãos de comunicação social alemães, tendo como definidores representantes dos Die Grünen, do SPD e da CDU/CSU, assim como no DN, através de um artigo de opinião de um académico português. Por vezes, migrantes e refugiados são referidos de forma não diferenciada.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	Académico português	Porque não haverá Merkel de aproveitar esta oportunidade para a entrada de uma mão-de-obra barata, quase escrava, que certamente poderá trabalhar a preços mínimos na economia alemã? Solidariedade? Não me parece. (Almeida, 2015)	Opinião
Bild	SPD	A SPD ainda quer acolher refugiados necessitados, especialmente recrutar trabalhadores qualificados conforme necessário. (Vehlewald, 2017)	Artigo noticioso
	CDU / CSU	A União [CDU/CSU] quer controlar a imigração “sabidamente” através de uma “lei da imigração de mão de obra qualificada”. (Vehlewald, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 6: “O outro refugiado é bem-vindo como recurso económico”

É BEM-VINDO: DESDE QUE A NOSSA “CULTURA” SEJA RESPEITADA

Este tipo de discurso representa uma visão condicional das políticas de acolhimento: os refugiados são vistos como bem-vindos, mas, sendo um outro, a sua presença está condicionada pela sua “aceitação” dos “nossos valores” ou da “nossa cultura”. Em vez de utilizar uma outrização baseada numa representação simbólica essencialista, utiliza um tipo de linguagem cívica para traçar a linha de outrização. Surge nos média portugueses, tendo como definidores representantes dos partidos alemães CDU, SPD e AfD.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	AfD	Claro que quem aceitar os nossos valores, a nossa Constituição, é bem-vindo, mas não queremos dentro de algumas gerações ter aqui implantada a Sharia. (Hansel, 2017)	Entrevista
CM	CDU	Aceitar as leis e os valores alemães significa “que digam o verdadeiro nome e país de origem aos funcionários, não lutar, ter paciência e respeitar os outros, independentemente da religião ou sexo”. (CM, 2015)	Artigo noticioso
Bild	SPD	Os nossos valores não são passíveis de debate. (...) Numa sociedade aberta, não importa se esta sociedade é etnicamente homogénea, mas que tenha uma base de valores partilhada. (Bild, 2015)	Artigo noticioso

Tabela 7: “O outro refugiado é bem-vindo desde que a “nossa” cultura seja respeitada”

SOCIEDADE DE IMIGRAÇÃO

Este tipo de discurso, inserido na categoria “é bem-vindo”, enquadra a sociedade alemã, e europeia, como sendo, ou exortando-a a ser, solidária, e acolhedora de migrantes e/ou refugiados, como sendo uma característica da própria sociedade. Surge no *Bild* e no *Diário de Notícias*, e tem como definidores representantes dos partidos alemães Die Linke e Die Grünen, assim como de uma cadeia de supermercados alemã.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	DN	Supermercado alemão retira produtos estrangeiros para dar lição contra a xenofobia (...) “Seremos mais pobres sem diversidade”, dizia um dos cartazes colocados nas prateleiras vazias. (DN, 2017)	Artigo noticioso
Bild	Die Linke	Die Linke quer facilitar a imigração (“sociedade de imigração solidária”). Especificamente: direito ao trabalho, serviços de saúde e sociais para todos os imigrantes (não apenas os perseguidos) após, no máximo, 3 meses. (Vehlewald, 2017)	Artigo noticioso
	Die Grünen	Die Grünen exigem “vias seguras e legais” para a Alemanha, melhor reagrupamento familiar. (Vehlewald, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 8: “O outro refugiado: sociedade de imigração”

O “BOM” MIGRANTE

Inserido na mesma categoria, este enquadramento utiliza uma estória anedótica no *Diário de Notícias*, sobre um refugiado, apresentando uma visão positiva através da exemplificação. É interessante observar o contraste com a estória que referimos infra, na categoria “não é bem-vindo”, do *Correio da Manhã* (CM, 2017), em sentido oposto.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	DN	A polícia alemã informou que uma adolescente refugiada do Iraque, com 16 anos, está em vias de receber uma recompensa por ter entregado uma mala de mão perdida com 14 mil euros no seu interior. (DN, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 9: “O outro refugiado: o ‘bom’ migrante”

É TRÁGICO: CRISE

Este enquadramento, que, em certa medida, subjaz à cobertura geral da “crise”, apresenta a situação dos refugiados, principalmente vindos da Síria, como uma tragédia, e coloca o enfoque nos horrores experienciados pelos mesmos, quer no seu país de proveniência, ou durante o processo de migração para a Europa. Surge no *Bild*, *Diário de Notícias* e *Spiegel*, e os seus definidores são académicos e jornalistas em artigos de opinião, e os próprios média alemães.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	Académico britânico	As poderosas imagens de pessoas percorrendo longas distâncias em linhas de caminho-de-ferro e autoestradas criaram um sentimento generalizado de crise na Europa. Mas grande parte desta tragédia e deste caos é evitável. (Betts, 2015)	Opinião
Bild	Bild	Regiões miseráveis e, no seu desespero, muitas vezes não temem os perigos de vida para encontrar um lugar de refúgio com a perspectiva de uma vida melhor. (Bild, 2015)	Artigo noticioso

<i>Spiegel</i>	<i>Spiegel</i>	A maioria dos requerentes de asilo na Alemanha fugiu da Rússia, Síria, Afeganistão e Sérvia, de perseguição e fome, da guerra, do medo de morrer nos seus países de origem. (Roth, 2013)	Artigo noticioso
----------------	----------------	--	------------------

Tabela 10: “O outro refugiado é tráfico: crise”

É TRÁGICO: RESPONSABILIDADE EUROPEIA

A ideia de tragédia e crise é, tal como mencionado na introdução, quase universalmente transversal aos discursos sobre refugiados e migrantes. Contudo, existe um artigo que parece indicar uma brecha na ideia hegemónica de que a crise não é causada pela própria Europa. Mesmo que ainda seja dentro do enquadramento de tragédia, e apresentado como um mero “erro”, ou má tática política da Europa. Trata-se de um artigo de opinião de um académico português, no *DN*.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
<i>DN</i>	Académico português	Porque o que enfrentamos agora é um drama humano que tem, entre outras numerosas causas, erros ocidentais, designadamente intervenções militares sem fundamento, ou esquecendo a regra prudencial de escolher um mal menor como, por exemplo, aconteceu no Iraque. A única maneira de deter esta emigração está em conseguir estabelecer um bom governo na origem dos fugitivos, e na eliminação das empresas que crescem os lucros na medida em que causem a transformação do Mediterrâneo num cemitério. (Moreira, 2015)	Opinião

Tabela 11: “O outro refugiado é trágico: responsabilidade europeia”

NÃO É BEM-VINDO

Esta categoria abrange os discursos que enquadram os refugiados como não sendo bem-vindos, na Alemanha ou Portugal, tanto os que contradizem o discurso dominante de que os mesmos são acolhidos pelo governo (enfatizando, assim, que não são tão bem acolhidos como é retratado), e os que declaram diretamente que eles não deveriam ser acolhidos, por diversas razões.

NA ALEMANHA: GOVERNO

Este enquadramento, como explicado, desafia o enquadramento delineado previamente que representa o governo alemão como sendo particularmente acolhedor face à chamada crise dos refugiados. Surge em ambos os órgãos de comunicação social de referência, *Spiegel* e *Diário de Notícias*, tendo como definidores a *Spiegel* e académicos.

Média	Definidor	Citação	Tipo
<i>DN</i>	Académico alemão	Mas para Thomas Kleine-Brockhoff a mudança na política alemã para os refugiados já aconteceu. Nos próximos anos, o académico antecipa a passagem de um “fluxo sem controlo para um fluxo controlado” de refugiados. (Tecedero, 2017)	Artigo noticioso
<i>Spiegel</i>	<i>Spiegel</i>	Internacionalmente, o cenário é o seguinte: Malta (5.000 requerentes de asilo por milhão de habitantes), Suécia (4.600) e Áustria (2.100) estão claramente à frente da Alemanha, onde chegaram 930 requerentes de asilo por cada 1 milhão de habitantes, em 2012. (Roth, 2013)	Artigo noticioso

Tabela 12: “O outro refugiado não é bem-vindo na Alemanha: governo”

NA ALEMANHA: SOCIEDADE CIVIL

Este enquadramento centra-se nas formas em que a sociedade civil, na Alemanha, não está a ser recetiva aos refugiados, nomeadamente através da expressão eleitoral, entre outras demonstrações. É um enquadramento que critica esta postura, e surge, uma vez mais, nos órgãos de referência, *Spiegel* e *Diário de Notícias*, inclusivamente numa reportagem, com os mesmos definidores, adicionando a imprensa estrangeira, numa revista de imprensa publicada pela *Spiegel*.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
<i>DN</i>	<i>DN</i>	Charlotte não está surpreendida. “Acho que sempre houve uma base racista na sociedade alemã que agora vê a AfD como aquilo que sempre quis. Na Saxónia é assim”. (Viegas, 2017)	Reportagem
<i>Spiegel</i>	<i>Spiegel</i>	Os refugiados estão a ser rotulados como criminosos e recebidos no bairro com a saudação hitleriana. Não apenas membros de partidos de direita. Mas também – e isto é realmente dramático nos eventos atuais – cidadãos assustados. (Roth, 2013)	Artigo noticioso

Tabela 13: “O outro refugiado não é bem-vindo na Alemanha: sociedade civil”

É UMA AMEAÇA: SEGURANÇA, ECONOMIA, REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

Diferentemente dos dois enquadramentos anteriores, que retratam a atitude negativa face aos refugiados de forma crítica, os três próximos enquadramentos representam as visões dos que rejeitam a presença de refugiados, usando uma série de justificações, frequentemente em conjunto: segurança, economia e representação simbólica da identidade ou cultura.

A defesa com base na segurança, alegando que a chegada de refugiados é uma ameaça de segurança, surge no *Correio da Manhã*, *Bild* e *Diário de Notícias*, tendo como definidores, para além dos dois órgãos tabloide, um diplomata português (antigo embaixador) num artigo de opinião, um representante da CSU, um representante da AfD e um jornalista, numa entrevista.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	AfD	E depois há problemas de segurança, já houve aqui um atentado em Berlim, porque não há um verdadeiro controlo das fronteiras. Isto não é xenofobia. É um facto. (Hansel, 2017)	Entrevista
	Jornalista alemão	Depois da crise dos refugiados e dos ataques terroristas, a população quer sentir-se segura, mais protegida. (Schuster, 2017)	Entrevista
CM	CM	Refugiado viola e mata filha de consultor da EU. (CM, 2017)	Artigo noticioso
Bild	CSU	O Ministro das Finanças da Baviera, Markus Söder (48) alertou: muitos refugiados vêm da guerra civil – “talvez também guerreiros civis”. (Bild, 2015)	Artigo noticioso

Tabela 14: “O outro refugiado é uma ameaça para a Alemanha: segurança”

Nestes discursos, intimamente ligados com os restantes dois neste enquadramento, a ameaça económica é sublinhada. Surge no *Correio da Manhã*, *Bild* e *Diário de Notícias*, tendo como definidores o *Bild*, o mesmo diplomata português mencionado supra e representantes do AfD.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	DN	Apoiante da CDU, pensa que “(...) muita gente votou na AfD porque tem medo dos refugiados e acha que o Estado lhes dá mais dinheiro a eles do que aos alemães. Não é verdade. O Estado ajuda todas as pessoas que são pobres”. (Viegas, 2017)	Reportagem
CM	Diplomata português	Muitos são os que criticam tal abertura, pois receiam os efeitos que venha a produzir nos níveis de emprego. (Falcão-Machado, 2017)	Opinião
Bild	Bild, CDU	O governo ainda quer reduzir o pagamento (...) a razão: “não devem ser criados falsos incentivos”. (Bild, 2015)	Artigo noticioso

Tabela 15: “O outro refugiado é uma ameaça para a Alemanha: economia”

Este tipo de discurso recorre a representações simbólicas da identidade, ou cultura, para apresentar os refugiados como uma ameaça, especialmente refugiados muçulmanos (juntando à outrização do “muçulmano” em geral, mencionado supra). Surge no *Correio da Manhã*, *Bild* e *Diário de Notícias*, no mesmo discurso do diplomata português e representantes da AfD.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
CM	Diplomata português	Berlim tem concedido um apoio exemplar a estes refugiados, mas muitos são os que criticam tal abertura, pois receiam os efeitos que venha a produzir (...) na identidade alemã. (Falcão-Machado, 2017)	Opinião
Bild	AfD	Proibição de burkas/minaretes. (Vehlewald, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 16: “O outro refugiado é uma ameaça para a Alemanha: representação simbólica”

EM PORTUGAL: AMEAÇA

Relativamente a Portugal, esta é a única categoria em que a “questão” dos refugiados surge, enquadrando o outro exclusivamente como uma ameaça, ao utilizar o enquadramento triplo de ameaça simbólica, económica e de segurança. Surge no *Correio da Manhã*, tendo um representante do PNR como definidor.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
CM	PNR	Somos o único partido em Portugal que denuncia esta situação e alerta para o perigo que isto representa contra a nossa segurança interna e contra a nossa identidade”, reivindicou Pinto-Coelho, considerando que os anunciados apoios aos refugiados “configura uma afronta, uma ofensa” a muitos portugueses a quem “não lhes dão casa, não dão subsídios”. (Lusa, 2015)	Artigo noticioso

Tabela 17: “O outro refugiado não é bem-vindo em Portugal: ameaça”

NA EUROPA

Aqui encontramos os discursos que apresentam a União Europeia, e os seus principais decisores, como um outro institucional, relativamente à resposta à “crise”, criticando a forma como a UE lidou com a situação. É um discurso crítico que aponta as hipocrisias nesta “crise”. São veiculados pelo *Bild* e *Diário de Notícias*, tendo como definidores o *Bild*, jornalistas, académicos em artigos de opinião e um antigo deputado britânico trabalhista.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	Jornalista portuguesa	Até porque o motivo pelo qual Aylan veio dar à nossa praia é demasiado complexo, demasiado difícil (quem tem solução para a Síria e o El levante o braço), demasiado contraditório com a nossa visão de europeus que desesperam com a baixa natalidade mas não querem nem sonhar em compensá-la com não europeus. Até porque acolher e integrar os Aylans custa dinheiro. (Câncio, 2015)	Opinião
	Académico britânico	A Europa precisa de uma estratégia clara sobre quem quer proteger e onde e como avaliar os pedidos de asilo das pessoas. (Betts, 2015)	Entrevista
	Académico português	É quase impossível – infelizmente – deixar de observar como a hipocrisia da realpolitik e o mundo dos interesses geoestratégicos e políticos se cruzam para (...) oferecer uma dimensão ainda mais desumana a esta tragédia. (Almeida, 2015)	Opinião
<i>Bild</i>	<i>Bild</i>	Mas se estas imagens de miséria, desamparo e exaustão, criadas em solo europeu, vão realmente ser uma coisa do passado aqui, depende muito na capacidade de a União Europeia finalmente acordar numa política comum para os refugiados. (Bild, 2015)	Artigo noticioso

Tabela 18: “O outro refugiado não é bem-vindo na Europa”

NÃO É PROBLEMA NOSSO

A única outra ocasião em que Portugal surge em relação à “crise dos refugiados”, nos dados analisados, é, na verdade, para enquadrar a questão como sendo praticamente inexistente em Portugal, devido à ausência de migrantes ou refugiados. Surge no *Correio da Manhã*, tendo como definidor um representante do PSD.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
CM	PSD	“Em Portugal não temos razões para ter esse tipo de preocupações que se sentem na Alemanha e no centro da Europa, que têm sido particularmente procurados por movimentos de refugiados”, afirmou [Pedro Passos Coelho]. (CM, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 19: “O outro refugiado não é problema nosso”

DESOUTRIZAÇÃO: REPRESENTAÇÃO

Relativamente os primeiros dois outros, o Muçulmano e o Refugiado, os outros não-Europeus ou externos, há apenas duas ocasiões em que estes outros são os definidores do discurso. Trata-se, em ambos os casos, de reportagens do *Diário de Notícias*, realizadas na Alemanha, em que o outro é ouvido no processo de escrita sobre a questão dos refugiados e da migração, nomeadamente um representante de uma associação comunitária turca, e um refugiado sírio que trabalha como guia turístico em Berlim.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
DN	Representante da comunidade Turca, DN	Cighan Sinanoglu, porta-voz da organização Türkische Gemeinde in Deutschland, diz o mesmo. “Sempre soubemos que existia aqui um potencial para a extrema-direita aí de 20%, que antes conseguia ser contido pela CDU e pelo SPD. Agora, com a imigração e os refugiados, a situação saiu fora do controlo. Há racismo e, por isso, alguns votarão na AfD, que a meu ver é um partido que não aceitou a globalização. Mas também há os que votam por medo ou por fadiga dos grandes partidos”, refere o alemão de origem turca, de 34 anos. (Viegas, 2017)	Reportagem
	Refugiado sírio, DN	Mohamad fugiu porque não quis servir no exército de Assad. Na Alemanha estuda e faz tours guiadas em que compara a história da Alemanha e da Síria. (...) A tour, que dura duas horas, terminando depois com a ida a um restaurante sírio “aqui foi onde, em 1953, protestaram as pessoas descontentes com o regime comunista da RDA”, explica Mohamad, a um grupo que inclui pessoas dos EUA, Reino Unido, Suíça, Polónia, Usbequistão, Lituânia etc... Ao longo do percurso vai estabelecendo paralelos entre a história da Alemanha e da Síria, “estão a ver o Checkpoint Charlie? Na Síria os checkpoints são algo muito presente no dia-a-dia. É algo que para vocês pode parecer estranho. Mas é algo que intimida. Que causa medo”, lembra o sírio, que acabou de receber uma bolsa para estudar Economia e Ciência Política. (Viegas, 2017)	Reportagem

Tabela 20: “Desoutização”

O OUTRO POLÍTICO/INSTITUCIONAL

Nesta categoria, incluímos os discursos que outrizam instituições ou ideologias políticas, em relação à “crise dos refugiados/migratória”. Existe uma outrização de outros países/governos europeus e das instituições europeias, em relação à resposta a esta “crise”, assim como uma outrização da extrema direita.

EUROPA DOS ESTADOS-NAÇÃO

Este enquadramento retrata uma divisão dentro da União Europeia, entre países que são acolhedores em contraste com os que não o são, ou critica uma alegada distribuição desigual de esforços de reinstalação. Surge nos média alemães, *Bild* e *Spiegel*, tendo como definidores os próprios órgãos de comunicação social, assim como um representante do SPD e um jornalista alemão, num artigo de opinião

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
<i>Bild</i>	<i>Bild</i>	Outros Estados da UE, como a Hungria, estão a mostrar o seu lado feio e, sem compaixão, contam como uma política marcial de dissuasão. (Bild, 2015)	Artigo noticioso
	SPD	Os pedidos de asilo deveriam ser submetidos antes da entrada na UE, os requerentes de asilo devem ser distribuídos “justamente” na Europa. (Vehlewald, 2017)	Artigo noticioso
<i>Spiegel</i>	<i>Spiegel</i>	Na política para os refugiados, a Europa está a viver um retorno aos Estados nacionais que olham para os próprios interesses, em detrimento dos valores europeus. (...) Na disputa sobre um contingente de refugiados, uma maioria de estados da UE simplesmente invalidaram os dissidentes da Europa de Leste. (Deggerich, Müller, Popp, Ulrich, Wiedmann-Schmidt & Wilkens, 2015)	Artigo noticioso
	Jornalista alemão	Se a chanceler pensou que os vizinhos iam fazer da nossa caridade um exemplo, errou totalmente. Estamos a ficar cada vez mais solitários. (Fleischhauer, 2015)	Opinião

Tabela 21: “O outro político/institucional: Europa dos Estados-Nação”

O OUTRO XENÓFOBO

ÊLES DA EXTREMA DIREITA

Esta categoria outriza a extrema direita, como não sendo parte da ideia de nós, como um “choque” e algo que tem de ser combatido. É utilizada pelo *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Spiegel*, tendo como definidores o *DN* e *Spiegel*, representantes da CSU e da Comissão Europeia, académicos, intelectuais e jornalistas em artigos de opinião. É um discurso muito recorrente, pelo que apenas iremos indicar alguns exemplos ilustrativos.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
<i>DN</i>	Académico português	Não podem ser ignorados os movimentos nacionalistas e eurocéticos que apoiam a formação das forças contrárias aos europeístas da unidade, afirmando o risco dos valores culturais europeus e da própria identidade da Europa. (Moreira, 2015)	Opinião
<i>CM</i>	CM	Proferindo gritos de “toda a Berlim odeia os nazis”, ou “os nazis” ou “o racismo não é uma alternativa”, os manifestantes, bastante jovens, demonstravam a sua revolta. (CM, 2017)	Artigo noticioso
<i>Spiegel</i>	Jornalista alemão	Essas diferenças, a meu ver, são acima de tudo a história da Alemanha nazi e, com ela, a responsabilidade antes do Holocausto, um consenso social básico que foi encenado novamente com o memorial do Holocausto no centro de Berlim, após a reunificação da Alemanha, mas que tem perdido cada vez mais a naturalidade, nos últimos anos. (Diez, 2017)	Opinião
	CSU	Os neonazis prejudicam a nossa pátria. (Roth, 2013)	Artigo noticioso

Tabela 22: “O outro político/institucional: o outro xenófobo – eles da extrema direita”

A EXTREMA DIREITA DELES

Relativamente ao contexto alemão, existem ocasiões em que a extrema direita é apresentada como sendo, na verdade, parte da identidade e não um choque ou algo de estranho. Contudo, isto acontece apenas nos média portugueses, e é ainda um exemplo de outrização, uma vez que se trata de uma descrição de um intelectual português sobre a sociedade alemã, num artigo de opinião no *DN*, e, no caso de duas reportagens em Berlim, do mesmo órgão, as pessoas entrevistadas estão ou a outrizar alemães de extrema direita ou de Leste, ou o exemplo do refugiado sírio residente em Berlim mencionado supra. No caso da *Spiegel*, este discurso surge numa revista de imprensa estrangeira.

MÉDIA	DEFINIDOR	CITAÇÃO	TIPO
<i>DN</i>	Intelectual português	O nacionalismo neonazi da AfD é um problema de “normalidade” em sobredosagem. (Marques, 2017)	Opinião
	<i>DN</i>	Charlotte não está surpreendida. “Acho que sempre houve uma base racista na sociedade alemã que agora vê a AfD como aquilo que sempre quis. Na Saxónia é assim. Não me vejo a voltar para lá. As pessoas da Saxónia têm medo daquilo que aqui, em Kreuzberg, é normal. Uma mistura de todos”. (Viegas, 2017)	Reportagem
<i>Spiegel</i>	Imprensa estrangeira	País de onde originou o terror nazi; a Alemanha já não é um “caso especial sagrado”, a “superioridade moral” face aos seus vizinhos europeus e aos EUA irá, portanto, “diminuir rapidamente”. (Der Spiegel, 2017)	Artigo noticioso

Tabela 23: “O outro político institucional: o outro xenófobo – a extrema-direita deles”

QUEM SOMOS NÓS?

Apesar de existirem diferentes discursos sobre migrantes e refugiados nos média, o processo de outrização, em si mesmo, é hegemónico. Existem apenas duas ocasiões em

que o migrante ou o refugiado não é objeto do discurso mas interlocutor, como definidor em artigos jornalísticos. Isto é particularmente impactante no caso da reportagem em que um refugiado sírio estabelece, através da referência a uma herança material com peso histórico, uma aproximação entre *nós* e *eles* (Viegas, 2017). Este paradoxo de uma ideia da Europa como internamente diversificada, mas com claras fronteiras a esta diversidade, baseadas numa certa mesmidade simbólica europeia, torna-se evidente nestes discursos.

Parece existir uma maior possibilidade de empatia, para estreitar o fosso *nós/eles*, em reportagens, em que o jornalista tem contacto direto com definidores não hegemónicos. Esta ideia de que as reportagens abrem as portas a discursos contra-hegemónicos, contudo, não elimina, necessariamente, o quadro ideológico por detrás do “senso comum jornalístico” teorizado pelo modelo das dimensões de valores-notícia das reportagens, de Hall et al. (1978). Como sublinham os autores, a “passagem para a reportagem”, a “[a]nálise dos eventos como tendo um pano de fundo não coberto pela estória noticiosa *hard*”, com a função ideológica de colocar “os eventos e os atores num ‘mapa’ da sociedade”, pode, na cobertura em geral pelo órgão de comunicação social, acabar por desempenhar o papel de “reintegração da reportagem no discurso dominante do jornal”, no qual os média tornam “o evento e as suas implicações ‘gerenciáveis’, isto é, como algo que não destrói ou exige mudanças na estrutura básica da sociedade” (Hall et al., 1978, p. 99). Esta análise dinâmica que depende dos dados divididos de acordo com a cobertura por jornal está fora do escopo deste artigo, mas é necessário, ainda assim, tê-lo em conta nestas conclusões preliminares.

Outro discurso que parece ser hegemónico, e em linha com a base teórica deste estudo (El-Tayeb, 2011; Nawyn, 2018), é o que enquadra a migração e a “crise dos refugiados” enquanto tal, como uma crise, e uma crise que é independente de histórias e políticas europeias. As suas causas e consequências apenas são vistas como uma responsabilidade europeia, no melhor dos casos, num quadro de direitos humanos ou solidariedade, nunca como uma verdadeira responsabilidade ou ligação política e histórica. Quanto muito, a situação nos países de origem dos refugiados é vista como “demasiado complexa, demasiado difícil” (Câncio, 2015), e, no único caso em que a responsabilidade europeia é mencionada (Moreira, 2015), é ainda no quadro de um excecionalismo europeu. Como nota Fatima El-Tayeb, na sua análise crítica dos discursos usados pelo Museu da Europa para representar a europeidade:

várias questões, como “que políticas são necessárias para oferecer perspetivas aos imigrantes impedindo, ao mesmo tempo, uma perturbação do equilíbrio demográfico, económico e cultural das nações anfitriãs? Como devemos reagir aos horrores diários de pessoas que arriscam as suas vidas para chegar à terra prometida chamada Europa?”, enquadram a migração como uma crise nova e urgente, desligada da “hora zero” do continente, e a consequente necessidade de mão-de-obra barata, descolonização, ou a “queda do muro”, resultando numa migração em massa do Oriente para o Ocidente – pelo contrário, eternamente surgindo subitamente no horizonte de uma

Europa incauta que se sente obrigada a reagir, dentro de limites sensatos, devido ao seu compromisso com os direitos humanos, e não porque ela já é uma participante ativa e poderosa no processo. (El-Tayeb, 2011, p. 166)

Quanto ao processo de outrização política, o discurso hegemónico baseia-se na ideia de que a extrema direita é intrinsecamente não-europeia ou anti-europeia, um outro diametralmente oposto, que tem de ser eliminado porque, do ponto de vista lógico, não pertence. Para a Europa como um todo, a presença da extrema direita é vista como um *outlier*, um “choque”, uma falha lógica no sistema do europeísmo. Isto contrasta com os posicionamentos, por vezes, críticos, em relação à outrização de não-europeus como parte da falta de políticas apropriadas, que, ainda assim, é um discurso que não vê ideias de extrema direita como parte de *nós*, ainda que a história da extrema direita, principalmente a história nazi na Alemanha, seja referida e mencionada. A Europa é apresentada como tendo um conjunto de valores comuns, e movimentos e ideias que vão contra estes valores, tais como a extrema direita, são vistos como um “choque”, uma “anormalidade”, como se, intrinsecamente, não fossem possíveis na Europa. Os apoiantes da extrema direita são a Europa de Leste, pessoas mal-informadas, criadores de medo – não “verdadeiros europeus”. Mesmo quando há uma crítica à xenofobia ou islamofobia, é sob o pressuposto de que estas são anti-europeias, que já foram ultrapassadas, da “ideologia europeia de neutralidade racial” (El-Tayev, 2011, p. 177). Uma pequena brecha nesta abordagem de senso comum parece ser um artigo de opinião de um jornalista alemão, no qual é dito explicitamente que este consenso “tem perdido cada vez mais a naturalidade, nos últimos anos” (Diez, 2017), mas, uma vez mais, isto é apresentado como um choque, e a ideia de consenso é o ponto de partida.

Como realçam os dados recolhidos, não existe apenas a construção de uma ideia da Europa na qual os migrantes e refugiados são o outro, mesmo quando se fala da sua “integração”, mas também uma ideia da Europa que é intrinsecamente incompatível com ideias e movimentos de extrema direita ou xenófobos.

Para além das conclusões iniciais gerais que delineámos neste estudo exploratório, análises adicionais beneficiaram de investigar mais profundamente a interação dinâmica entre variáveis, tais como os definidores e os enquadramentos identificados, que apenas foi mencionada aqui, e que está a ser desenvolvida no projeto de investigação doutoral que este artigo integra. Uma exploração adicional dos dados deverá ter em conta a cobertura discriminada por órgão de comunicação social, assim como por definidor, tipo de artigo, e outras variáveis eventualmente relevantes, assim como as relações dinâmicas entre elas.

Consideramos que o contexto de “crise” acabou por ser, como esperado, um contexto particularmente rico para a exploração de processos de outrização, que, apesar de, neste caso, apenas serem explorados na arena discursiva, têm consequências práticas, políticas, sociais e económicas muito reais. A outrização do refugiado “trágico”, cuja “vida descartada está, assim, saturada em poder, mas não com modos de titularidade de direitos ou obrigações” (Butler & Spivak, 2007, p. 32), é precisamente um dos modos

em que a comunidade imaginada do Estado, ou a supranacional União Europeia, são produzidos discursivamente como um todo homogêneo, deparando quem pertence e quem não, e definindo graus de aceitabilidade de diferentes vidas.

AGRADECIMENTOS

Rita Himmel é bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) (ref. SFRH/BD/123609/2016). Apoio financeiro da FCT no âmbito dos Fundos Nacionais do MCTES e FSE.

REFERÊNCIAS

- Anderson, B. (1983/2016). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. Londres, Brooklyn: Verso.
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bird, S. E. & Dardenne, R. W. (1999). Mito, registo e “estórias”: explorando as qualidades narrativas nas notícias. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 263-277). Lisboa: Vega.
- Butler, J. & Spivak, G. C. (2007). *Who sings the nation-state?* Londres, Nova Iorque, Calcutta: Seagull Books.
- Chomsky, N. (1997). *What makes mainstream media mainstream*. Retirado de chomsky.info/199710
- El-Tayeb, F. (2011). *European others: queering ethnicity in postnational Europe*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- European Union. (2020). *MEPs*. European Parliament. Retirado de <https://www.europarl.europa.eu/meps/en/search/Tabela>
- Frow, J. & Morris, M. (2006). Estudos Culturais. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *O planeamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2.ª ed.) (pp. 315-343). Porto Alegre: Artmed.
- Gear, P. J. (2013). A Europe of nations. Or the nation of Europe: origin myths past and present. *Lusophone Journal of Cultural Studies*, 1(1), 36-49. <https://doi.org/10.21814/rlec.5>
- Gossel, D. (2017). Tabloid journalism. *Encyclopaedia Britannica*. Retirado de www.britannica.com/topic/tabloid-journalism
- Hall, S. (1993). Encoding, decoding. In S. During (Ed.), *The cultural studies reader* (pp. 90-103). Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Hall, S., Critcher, C., Jefferson, T., Clarke, J. & Roberts, B. (1978). *Policing the crisis: mugging, the state, and law and order*. Londres: MacMillan.
- Marktest. (2018). *Ranking netscope de tráfego web dezembro 2017*. Retirado de <https://www.marktest.com/wap/a/n/id-233c.aspx>
- Nawyn, S. J. (2018). Refugees in the United States and the politics of crisis. In C. Menjivar; M. Ruiz & I. Ness (Eds.), *The Oxford handbook of migration crises*. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190856908.013.23>

Partido Nacional Renovador (2009, 2 de dezembro). Criação da “Aliança dos movimentos nacionais europeus”. Retirado de <http://www.pnr.pt/2009/12/roma-criacao-da-alianca-dos-movimentos-nacionais-europeus/>

Pieterse, J. N. (1991/1993). Fictions of Europe. In A. Gray & J. McGuigan (Eds.), *Studying culture: an introductory reader* (pp. 225-231). Londres: Edward Arnold.

Schröder, J. (2018, 09 de janeiro). IVW-News-Top-50: Bild, upday, Welt und stern wachsen trotz Feiertagen gegen den Trend. *Meedia*. Retirado de <https://meedia.de/2018/01/09/ivw-news-top-50-bild-upday-welt-und-stern-wachsen-trotz-feiertagen-gegen-den-trend/>

APÊNDICE 1: PARTIDOS POLÍTICOS

Lista dos partidos políticos mencionados, agrupados por grupo político do Parlamento Europeu em 2020 (European Union, 2020):

- Grupo do Partido Popular Europeu (Democratas-Cristãos)
 - CDU: Christlich Demokratische Union (União Democrata-Cristã, Alemanha)
 - CSU: Christlich-Soziale Union in Bayern (União Social-Cristã na Baviera, Alemanha)
 - PSD: Partido Social Democrata (Portugal)
- Grupo da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu
 - SPD: Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata da Alemanha)
- Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia
 - Die Grünen (Os Verdes, Alemanha)
- Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde
 - Die Linke (A Esquerda, Germany)
- Grupo Identidade e Democracia
 - AfD: Alternative für Deutschland (Alternativa para a Alemanha)
- Aliança dos Movimentos Nacionais Europeus (não é um grupo político do PE, uma vez que o PNR nunca elegeu eurodeputados)
 - PNR: Partido Nacional Renovador (Portugal) (Partido Nacional Renovador, 2009)

NOTAS BIOGRÁFICAS

Rita Himmel é doutoranda do Programa Doutoral em Estudos Culturais da Universidade de Aveiro, e bolseira da FCT, a desenvolver um projeto de investigação na intersecção das áreas de Ciência Política e Estudos dos Média, sob a perspetiva dos Estudos Culturais, sobre identidades, ideologia e discursos mediáticos e políticos na Europa. Para além de publicações sobre este tema, tem-se debruçado também sobre questões de género e performance. Licenciada em Ciências da Comunicação, em 2010, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, concluiu o Master of Science em “Ciência Política: Relações Internacionais” pela Universidade de Amesterdão, em 2013. Antes da sua carreira académica, trabalhou como jornalista e na área de comunicação. Atualmente, integra os projetos “Globalização e Identidades” e “Género e Performance”

do Grupo de Investigação Entre Culturas do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1658-2087>

Email: rita.himmel@ua.pt

Morada: Departamento e Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro (Portugal)

Maria Manuel Baptista é Professora Catedrática da Universidade de Aveiro, com Agregação em Estudos Culturais, pela Universidade do Minho (2013). Tem uma obra diversa e extensa publicada nacional e internacionalmente, com ênfase na área dos Estudos Culturais. É presidente da IRENNE – Associação de Investigação, Prevenção e Combate à Violência e Exclusão. É coordenadora do GECE – grupo de Género e Performance e do NECO – Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio da Universidade de Aveiro. É editora da coletânea “Género e Performance: Textos Essenciais”. Entre os seus interesses de investigação contam-se as questões da identidade e globalização bem como migração e pós-colonialismo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1465-4393>

Email: mbaptista@ua.pt

Morada: Departamento e Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro (Portugal)

Submetido: 10/04/2020

Aceite: 12/05/2020